



Projeto de Iniciação Científica

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

ARTE-EDUCAÇÃO E PENSAMENTO HORIZONTAL:

Um caminho possível

Gabriela Letícia Ramos

RA: 197662

Orientadora: Prof^o Dra. Maria Alice Possani

Vigência: Dezembro de 2019 à Setembro de 2020

APRESENTAÇÃO:

Frente a desvalorização da arte e da educação no Brasil que nos acompanha há anos, pesquisar sobre arte-educação se torna urgente para a construção de um novo olhar para tal área, afim de alargar e evidenciar o caráter possível da mesma para o despertar da consciência crítica do indivíduo enquanto potência criadora, pertencente à uma sociedade e comunidade da qual ele pode e deve modificar estruturas. Dessa forma essa pesquisa teve como objetivo dialogar bibliografias selecionadas com a minha própria trajetória artística e arte-educativa anterior e durante a graduação, tendo como ponto central o Festival Internacional de Arte-Educação- FRONTEIRAS BRASIL, que acontece há dez edições na cidade de Matão, interior de São Paulo, e do qual é intrínseco a minha formação arte-educativa.

Fronteiras Brasil foi idealizado por Khosro Adibi¹, que sentiu a necessidade de criá-lo pela emergência de construir uma dinâmica relacional que reforçasse a cultura pelas raízes sociais de cada ser humano, fundando assim a ideia de um pensamento e educação horizontal nômade. Durante duas semanas artistas voluntários de várias partes do mundo e de múltiplas linguagens artísticas residem em Matão e através de práticas horizontais nas comunidades, se descobrem enquanto arte-educadores. Tais práticas partem de um lugar de escuta e troca, estão ali para ouvir/ver/viver as manifestações culturais do lugar e dialogar com a história formativa dessas pessoas a fim de fortalecer seu lugar no mundo (do arte-educador e do educando), seu lugar social-político via expressão impulsionada pela arte. Em toda sua trajetória o festival já recebeu mais de duzentos e cinquenta artistas e educadores, em cerca de quarenta comunidades diferentes, abrangendo a periferia e área central, além de distritos como Silvânia e São Lourenço do Turvo em Matão e outras cidades, como Taquaritinga e Araraquara, trabalhando com mais de duas mil pessoas em toda sua história.

A partir do Festival Fronteiras Brasil, surgiu a necessidade de construir um dos lugares no mundo onde o pensamento horizontal pudesse se abastecer nos ideários dos artistas nômades que comungam dessa perspectiva criativa em arte, assim em 2011 funda-se a Casa PIPA – Plataforma Internacional de Produção Artística, que se fundamenta em três pilares: Arte, Educação e Comunidade. A Casa PIPA é sede da Cia Labirinto de Teatro², grupo do qual faço parte desde 2016 e que desde então também assumiu a frente do Festival Internacional de Arte-Educação- FRONTEIRAS BRASIL.

A arte-educação na perspectiva popular, da qual parte as minhas experiências a partir do Festival Fronteiras Brasil, busca possibilitar ferramentas e referências para

¹ Artista pluridisciplinar, trabalha como diretor, intérprete, professor, vídeo-artista, fotógrafo e iluminador em diferentes produções de dança e teatro. Formado em Belas Artes na HKU (Hogeschool Voor Kunsten na Holanda), estudou dança na SNDO (School for New Dance Development em Amsterdã) e também em Nova Iorque. Fundou, em 2001, o Laster Studio (centro para dança e música contemporânea e experimental) na cidade de Bruxelas (Bélgica). Criou, em 2004, o I.P.L. (International Performers Lab), em 2005, sua companhia de dança-teatro "Les PesPis", em 2007, o C.A.E. (Children Art Education) e em 2008 o Festival Internacional de Arte-Educação - FRONTEIRAS

² A Cia. Labirinto de Teatro foi fundada em 2009 na cidade de Matão, no interior de São Paulo. É composta por sete artistas da cena e um artista visual. No percurso dos experimentos formativos a Cia. foi tecendo um estreitamento em três frentes de interesse de pesquisa: o corpo, o animado e a dramaturgia. Daí, se desdobram práticas e aprofundamentos dentro do trabalho, efetivamente, via abordagem de um teatro horizontal onde, pela criação colaborativa se experimenta entretecer linguagens para pesquisa desde a dança-teatro e a fisicalidade teatral, passando pelo teatro com bonecos e chegando ao desenvolvimento procedimental – dentro da perspectiva das escritas performativas do drama – da corpografia: pesquisa sobre criação dramaturgica a partir da memória do vivido como geradora de ficção autobiográfica. Os artistas da Cia. coordenam coletivamente a Casa PIPA, além de ser a Casa sua sede para os processos criativos.

educandos e arte-educadores que, em constante troca, reconheçam suas próprias expressões a partir de seu lugar no mundo, agente ativo na transformação do mundo e da sua própria história. Tal perspectiva popular se fundamenta no pensamento horizontal trabalhando com a equidade de saberes e o diálogo. Entretanto, não vivemos em uma sociedade que se aplica tal lógica, pelo contrário, temos epistemes, expressões, corpos e linguagens ditas e colocadas em subalternidade frente à outras. A arte-educação e o pensamento horizontal, sozinhos, creio não serem capazes de proporcionar tal experiência educativa em uma sociedade tão desigual. Então, qual a possibilidade para tal experiência educativa?

OBJETIVOS:

O objetivo central do projeto foi o registro do Festival FRONTEIRAS BRASIL e o diálogo das minhas experiências artísticas e arte-educativas antes da Universidade e as experiências atuais, dentro da Universidade, com as referências bibliográficas selecionadas, que se alargaram nos temas para além da Arte-Educação, Educação Não-Formal e Educação Popular, encontrando nos estudos decoloniais um aspecto fundamental da pesquisa.

METODOLGIA E RESULTADOS:

Com o objetivo de registrar o Festival FRONTEIRAS BRASIL, foi realizada uma proposta de relato via email para os participantes da décima edição do Festival, que ocorreu em 2019. A partir deles, das leituras bibliográficas, da análise da minha própria trajetória artística e a do Festival da qual pude participar em diferentes posições: educanda, arte-educadora, coordenadora artística e, no último ano, coordenadora do festival, todo o processo da pesquisa e de reflexão sobre arte-educação e pensamento horizontal evidenciou um ponto essencial: não vivemos em um estado social de equidade que permita que a arte-educação utilize como fundamento principal o pensamento horizontal.

Tal ponto tem ênfase ao analisar minha experiência ao adentrar a Universidade, que através do choque cultural, social e racial me mostrou que a horizontalidade

sozinha não é possível para uma prática arte-educativa condizente com os ideais de equidade propostos, justamente por vivermos em uma sociedade tão desigual e racista. Ao me deparar na Universidade, em suma, com referências europeus brancos, confrontei a minha própria trajetória e construção artística de até que ponto as expressões experienciadas por mim e compartilhadas com os educandos eram reais experimentos de expressões próprias e identitárias, ou eram somente uma escolha negligente em continuar a reproduzir um ideal e referencial europeu branco que não perpassa nem a minha pele, nem minha nacionalidade, a não ser pelo fato da colonização e da herança que ela deixou.

Assim tais inquietações coloca-me de encontro com a perspectiva da decolonialidade que se confronta com as minhas experiências e alargam a visão sobre o pensamento horizontal e do Festival FRONTEIRAS BRASIL. Tal confronto me fez enxergar uma possível lacuna no que venho experienciando até então, e a identifico como um risco que a perspectiva do pensamento horizontal pode trazer, que seria a negligência com o estado social do qual vivemos, ignorando as interseccionalidades dos corpos.

O pensamento horizontal propõe a equidade de saberes e o diálogo. Entretanto, socialmente, não vivemos nem pensamos a partir de uma lógica de equidade. A não percepção e desconstrução das questões que diferenciam os corpos dos arte-educadores e os dos educandos, e quais os distintos lugares que esses corpos ocupam, fragiliza e limita a potência educativa e criadora. É nesse sentido que pensar decolonialmente precede o pensamento horizontal para, assim, ocorrer a práxis, a comunhão de pensamento e prática para ação e troca com o outro. Amaral traz em seu texto uma visão do autor Quijano que evidencia a necessidade da decolonização para ser possível a comunicação e troca intercultural:

“É neste sentido que, para Quijano, em primeiro lugar é necessária a descolonização epistemológica para, em seguida, ser possível uma comunicação intercultural, um intercâmbio de experiências e de significações que formem a base de uma racionalidade nova e que possa pretender, quiçá com mais

legitimidade, a alguma universalidade.” (AMARAL, 2017)

A prática decolonial incita a transmutação da lógica da colonialidade para uma nova, inclusiva, e que não gere novas periferias e subalternidades. Lógica essa que valore saberes e expressões anteriores à colonização e possibilite a descoberta de novas epistemes e expressões que sejam cada vez mais próprias e identitárias. Nesse aspecto, cabe aos arte-educadores confrontar as parcialidades que têm moldado as práticas arte-educativas, e dessa forma pensar e produzir saberes a partir de outras epistemes, na busca pela legitimação de imagens que representem para além do território nacional e latinoamericano, cada comunidade e pessoa constituinte dele. Cabe também aos arte-educadores confrontar as próprias estruturas e referências que os formam, a fim de que, em constante reconstrução, sejam ferramentas para a construção da expressividade decolonizada do educando.

A arte-educação, o pensamento horizontal e a prática decolonial juntos, são um caminho possível para o despertar de uma consciência crítica e criativa, que coloca o arte-educador e o educando em constante troca, a partir do lugar social de cada um, para a criação de uma nova possibilidade e descoberta do lugar em que se quer estar. Essa experiência arte-educativa pode ser a fagulha para o descobrimento de expressividades livres que realmente tenham seu caráter identitário; para a valorização e identificação de corpos, epistemes e expressividades até então não vistas ou vistas como outras, sendo colocadas a partir desse encontro, como legítimas.

Praticar uma arte-educação decolonial reflete a potencialidade na produção de consciências cidadãs também decolonizadas de tal forma a reforçar a arte como possibilidade para uma educação transformadora, tornando o indivíduo sujeito crítico e político, conhecedor de sua história e participativo na mudança e reconstrução da mesma, criador de um novo presente-futuro que permita o reconhecimento de expressividades, corpos e epistemes identitárias e não universais.